

DEPOIMENTO

EMMANUEL MICHEZ

Engenheiro Electrotécnico

Durante a década dos anos 30, era frequente as CRGE contratarem temporariamente, e quando necessário, algumas centenas de operários para a realização de grandes trabalhos de colocação de cabos eléctricos e de canalizações de gás.

A maioria destes operários provinha, em geral, da província, de longínquas aldeias. Ganhavam cerca de 10\$00 diários, eram alojados em barracões, dormiam sobre palha e tinham um servente, cuja principal tarefa era dar-lhes água sempre que a sede os assaltava.

Metade do dinheiro auferido semanalmente era enviado à mulher. Esta ocupava-se no campo e cuidava de respectiva prole, que normalmente era numerosa.

Era isto uma forma de emigração interna, prelúdio da grande emigração dos anos 60.

Os que tivessem demonstrado ter uma certa habilidade, ficavam ao serviço das CRGE com carácter definitivo, uma parte dos restantes, seria mais tarde admitida por «cunhas», que na maioria tinham o apoio dos Administradores das Companhias e seus respectivos amigos.

Havia outras formas de «cunhas» mais curiosas. Assim, por exemplo, para a Banda de Música em formação, a «cunha» consistia em saber tocar algum instrumento, tal como clarinete, saxofone, trombone, cornetim, tambor, pratos, etc.

Também quando da criação do Clube Desportivo Lisgás uma boa «cunha» era sem dúvida ser futebolista, corredor a pé, ciclista, jogador de hóquei, basquetebolista, etc.

Os desportistas ainda eram do tipo sadio, portanto favorável à formação de bons trabalhadores, embora o uso e o abuso destas «cunhas», tivesse levado os técnicos das Companhias a fazerem uma barreira a este processo.

Com o tempo, acabou-se por exigir um mínimo de habilitações literárias, nascendo a intenção de instituir cursos profissionais.

O pessoal existente nessa altura, antes de frequentar esses cursos era submetido a exame de aptidões literárias, verificando-se então que cerca de 30 % eram analfabetos.

Perante este resultado, foi decidido que aqueles que tivessem atingido os 40 anos de idade, seriam dispensados, a seu pedido, de frequentar a escola primária das Companhias Reunidas, onde tinham ingressado todos os analfabetos, aproximadamente os referidos 30 %.

Para os restantes trabalhadores com habilitações correspondentes às 3.^a e 4.^a classes, foram organizados, em 1938, cursos de aritmética, de electricidade elementar, de especialização de medidas e avarias, de contadores, de material de cabos subterrâneos, linhas aéreas, rádio, cursos práticos e um curso de primeira importância, o qual dava noções para evitar a electrocussão, e ensinava os métodos de praticar a respiração artificial.

A massa operária, na sua grande maioria, aderiu entusiasticamente, a esta decisão, esforçando-se por obter a sua inscrição, quer no curso primário, quer nos cursos de especialização.

Todos estes cursos foram organizados e dados por grande número de engenheiros técnicos que estavam muito empenhados em ver aumentado o grau de instrução dos seus operários.

No fim de um ano, através de um exame, verificava-se o grau de aproveitamento. As Companhias, embora de uma forma um tanto paternalista, prestavam a sua contribuição, fornecendo gratuitamente livros, canetas, lápis, etc.

Este paternalismo terminou quando o contrato colectivo de trabalho foi aprovado, sancionando a subida de categoria em função dos exames dos cursos profissionais.

A batalha estava ganha! Tinha acabado o período das «cunhas» e, desde logo, em 1945, 400 alunos frequentaram 16 cursos, regidos por 12 professores. ■